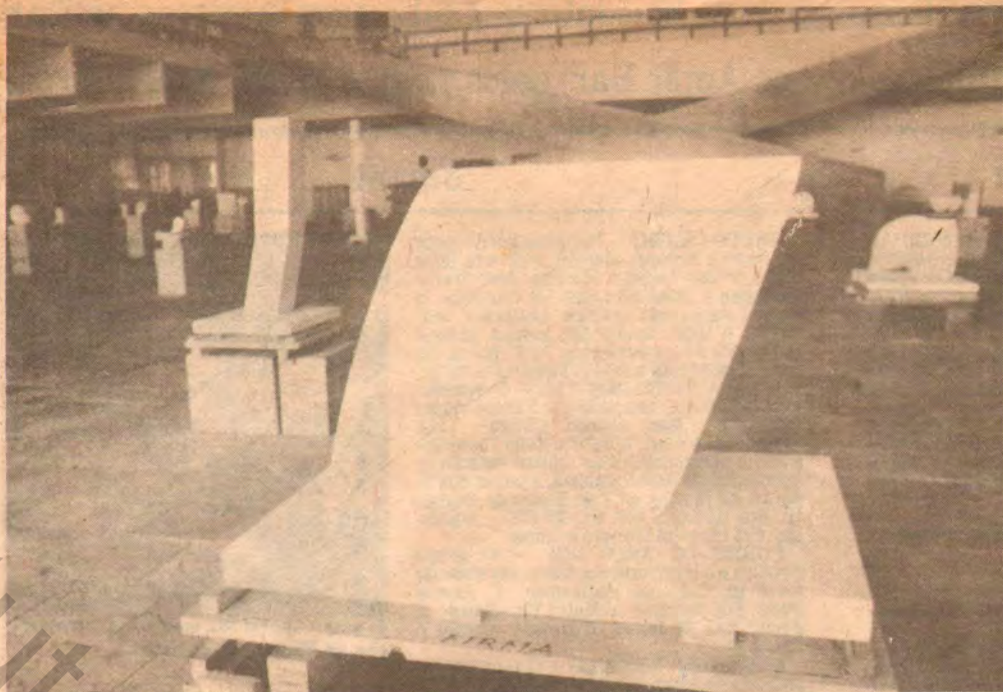


Sexta-feira, 12 de dezembro de 1980



As esculturas expostas no Masp são todas em mármore de Carrara. "Nosso mármore esfarela", diz o autor.

Sérgio Camargo, o tempo e a luz

Sérgio Camargo está apresentando 55 esculturas em mármore de Carrara no subsolo do Museu de Arte de São Paulo (av. Paulista, 1578), em colaboração com o Unibanco.

Sérgio Camargo, que pode ser considerado um construtivista sem excessos de racionalismo, tornou-se internacionalmente conhecido na década de 60, especialmente após obter o Prêmio Internacional de Escultura na 3.ª Bienal de Paris. Tendo estudado em Buenos Aires, onde morou, com Pettoruti e Lúcio Fontana, reconhece em Brancusi uma das maiores influências sobre sua obra.

"Mas há uma diferença fundamental", acentua. "Ele era um verdadeiro escultor e eu sou um montador de estruturas". Com isso ele quer distinguir duas formas bem diversas de tratar a pedra: uma em que, por supressão e desbastamento, chega-se à forma ideal; e outra que opera por composição e justaposição, que é o seu método.

"Na verdade, todas as minhas obras são feitas a partir de módulos que têm por base os cilindros e os cubos, cortados em diferentes ângulos e montados nas mais diversas formas, numa espécie de análise combinatória", diz Sérgio Camargo. O que ele consegue obter a partir destas duas formas simples é surpreendente pela flexibilidade e pelo rigor, que se traduzem em beleza. E, apesar de moderníssimas, suas "esculturas" caracterizam-se por um classicismo atemporal.

Muitas delas são monumentais, não por suas proporções, mas porque podem perfeitamente adaptar-se a um monumento. "A monumentalidade não é exatamente uma questão de tamanho", diz Sérgio, a aponta para uma pequena escultura — réplica de outra muito maior que está em Caracas. Ele esclarece: "Algumas esculturas exibidas aqui não poderiam ser aumentadas, porque perderiam a justa proporção e se tornariam pesadas ou informes. Tudo é uma questão de forma."

Esta é a terceira exposição que Sérgio Camargo faz este ano. As anteriores foram realizadas em Buenos Aires e no Rio e ele aguarda a confirmação de um convite para o Japão. Com estas últimas esculturas, ele inicia experiências com a cor negra. "O branco sempre imperou em minha obra; eu usava volumes de madeira pintados de branco, antes de aderir totalmente ao mármore. O uso do mármore de Carrara não é acidental, pois só com este material eu poderia obter a precisão de formas indispensável à composição. Nosso mármore contém muito quartzo e esfarela. Por isso não o uso."

A composição é para Sérgio uma operação de caráter também mental e eminentemente lúdico. "Tenho em casa uma infinidade de módulos, de pequenas dimensões cortados a partir de cubos e cilindros de mármore. Fico na varanda pensando. De vez em quando tenho uma idéia e arrumo os módulos de acordo com ela, até encontrar uma forma que me satisfaça."

Camargo já compôs relevos e um dos mais conhecidos é o de uma parede dupla, que se encontra no Palácio do Itamarati, em Brasília.



Sérgio Camargo: "Agora busco a densidade da luz"

Atualmente, suas obras exploram todas as dimensões do espaço. Os móveis não o atraem e explica por quê: "Os movimentos desse mecanismo tornam-se logo monótonos, porque a dimensão do tempo que exploram torna-se limitada. Para mim, o tempo é mais interessante que o movimento. Procuro passar para aqueles que contemplam uma obra minha essa dimensão, aproximadamente a mesma que gastei na montagem. Junto com o ato de ver, a pessoa refaz a montagem das formas, cujas junções são deixadas aparentes."

"Em relação à matéria" — prossegue — "o que mais me interessa não é o aspecto do tato (todas as esculturas apresentam uma textura opaca, obtida por simples esmerilhamento), mas a densidade e a resposta à luz." Ou, como diz Mário Pedrosa num pequeno estudo crítico:

"A descontinuidade das superfícies tendem a desmaterializá-la para que a própria, verdadeira matéria de que são feitas, se expanda e encha essas estruturas de algo imaterial como o gás, o ar, isto é, a luz."

E Ronaldo Brito acentua que esse jogo com a luz é extremamente dialético, progredindo através do sistemático e do não-sistemático, da ordem e do desequilíbrio.

A arte de Sérgio Camargo alcança às vezes os limites do equilíbrio, sem nunca se afastar completamente dele. Como o próprio artista define, numa frase simples do catálogo: "Por dever ao prumo que obriga, me aprumo e dele não saio."

A exposição vai até 17 de janeiro.